

Instituto Trianon de Psicologia

CLaP – Centro Lacaniano de Pesquisa em Psicanálise

Seminário de Pesquisa

Aula de 24.05.2011

Lacan:

da inibição à debilidade intelectual¹

Antonia Claudete A. L. Prado

1. SANTIAGO, A. L. Lacan: *da inibição à debilidade intelectual*. In: *Inibição intelectual na Psicanálise*, Cap. V. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

1. Lacan, o ato e a inibição intelectual

1. Lacan, o ato e a inibição intelectual

Inibição versus Ato

A partir do par inibição/sintoma

que sustenta a dimensão pulsional,
os pós-freudianos

passam a investigar a inibição em relação ao ato.

paralisação

movimentação

O interesse recai sobre o que cada um representa para o trabalho clínico

Inibição:

**uma via de cura para o
ato patológico**

passagem ao ato e *acting out*

Ação:

**uma possibilidade de saída
para a inibição.**

(Na medida em que contém o ato)

1. Lacan, o ato e a inibição intelectual

DÉCADA DE 1920,

os Kleinianos deram início à

“Clínica do Ato”

Pautada nas teses pós-freudianas sobre a autopunição e o sentimento de culpa em relação ao pai, volta-se aos sintomas e sua ligação à pulsão de morte.

confronta com a →

“Clínica da Inibição”,
voltada ao tratamento de sujeitos impedidos de se locomover, trabalhar, amar.

DÉCADA DE 1950, deixando isso tudo de lado, Lacan introduz a sua tese sobre

O estágio do espelho - onde



a ação decorre da entrada em cena do objeto causa de desejo,
instituído pelo complexo de castração.

INICIO DA DÉCADA DE 1960, Lacan concebe o

objeto causa de desejo como aquele que



leva o sujeito a agir e formar sintomas, incluindo aí as inibições.

1. Lacan, o ato e a inibição intelectual

Nos anos 1920,

o tratamento analítico orientava-se pela análise dos sintomas, o que não se mostrou suficiente. Isso fez Freud ressaltar os

obstáculos à cura, especialmente no tocante à

repetição e à **reação terapêutica negativa**, o que o levou à

segunda tópica do aparelho psíquico com a

concepção da pulsão de morte e sua presença na repetição e na resistência ao tratamento.

1. Lacan, o ato e a inibição intelectual

A partir de 1924 - Desviando-se da análise dos sintomas, a atenção volta-se às

formas e tipos clínicos, assintomáticas, classificando-as entre
a inibição e o ato.

Uma importante distinção – já era percebida pelos pós-freudianos:

sintoma x várias formas de inibição e *acting out*, com a

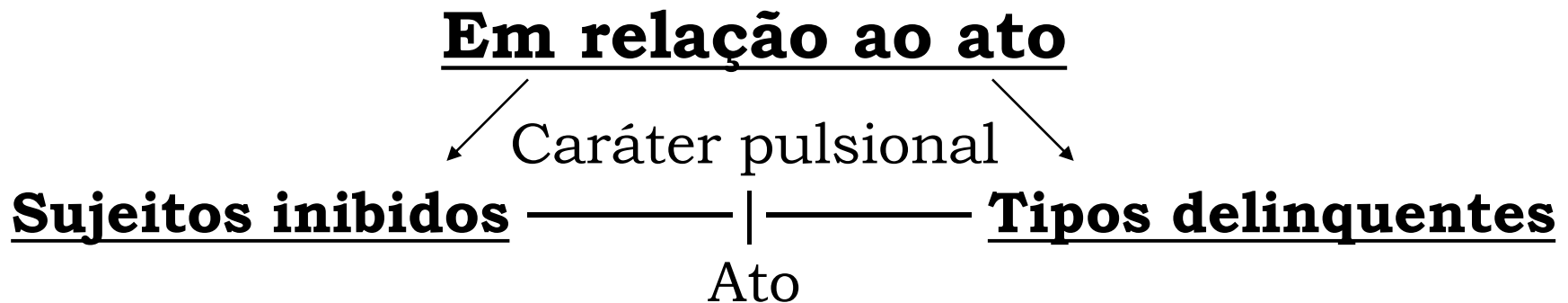
respectiva prevalência pulsional.

1. Lacan, o ato e a inibição intelectual

As síndromes assintomáticas - consideradas como **distúrbio pulsional**, classificam-se em

dois pólos: os inibidos e os delinqüentes

↓
impulsivos, sem recalque pulsional,
sujeitos à passagem ao ato e ao acting out.



1. Lacan, o ato e a inibição intelectual

A classificação Inibição / Ato (acting out),

sem manifestação sintomática, coloca em evidência a

satisfação pulsional - A partir da noção pulsional, muitas elaborações se dão, abordando, inclusive o humano pelo viés da malignidade:

compulsão ao castigo, autopunição, sadismo superegóico – 1940 -1950. Nesse momento, Lacan relaciona

***acting out* - agressividade** na relação com o Outro, via narcisismo organizado pelo

estágio do espelho - experiência da perda de objeto, em função da falta do Outro.

A perda de objeto impõe o luto onde se situa o desejo, abrindo as portas para o acting out e a passagem ao ato. Lacan restabelece a hipótese freudiana de que haveria um

vínculo entre inibição e desejo - descarta a idéia simplista dos pós-freudianos sobre a mera polarização inibição/ato.

1. Lacan, o ato e a inibição intelectual

A Função do Desejo enquanto Causa

Desejo inconsciente = Desejo



Experiência original de satisfação, e



o objeto, para sempre perdido surge de forma evanescente
nos desdobramentos dos



traços mnésicos ligados à satisfação.

1. Lacan, o ato e a inibição intelectual

Lacan reformula a tese freudiana sobre o sonho como uma via de realização do desejo,

recolocando-o como o elemento que favorece

a construção do desejo, construção que leva a satisfação ao inconsciente, processo que

correlaciona o desejo à pulsão, posto que esta só



se satisfaz via gozo.

1. Lacan, o ato e a inibição intelectual

O desejo por sua vez, buscando satisfação pelo sonho,

não se satisfaz - não existe objeto capaz de satisfazê-lo. Por sua própria constituição,

no desejo há sempre falta – qualquer que seja o objeto tomado para preencher a falta, ela permanece, e

o sujeito segue sempre desejante, uma vez que ele é constituído justamente pela falta (que é estrutural), correspondente à castração. A castração institui o objeto perdido, simbolizado no Inconsciente – o falo. Uma vez sendo o falo, o objeto designa a falta,

**nenhum objeto poderá recobrir esta falta,
Porque o objeto não existe,
é um construto simbólico que funda o desejo.**

1. Lacan, o ato e a inibição intelectual

Melanie Klein e seus alunos, conhecidos como

teóricos da relação de objeto propunham que, durante o desenvolvimento, as experiências da fase pré-genital deveriam convergir para o objeto genital, considerado como o objeto ideal. Aí ela destaca a

noção de objeto parcial que sinaliza uma

dicotomia entre objeto pulsional e objeto do amor. E propõe que o tratamento deve visar o acesso ao outro como objeto total, sendo que o dom leva à sexualidade genital. Entretanto, a totalização do Outro faz do sujeito “um nada” levando-o à depressão. Então,

na análise, o sujeito deve se identificar ao objeto, para sair da posição depressiva. Por esta lógica é que,

no final da análise, o sujeito identifica-se ao analista.

1. Lacan, o ato e a inibição intelectual

Nessa perspectiva,
o outro do amor se confunde com o objeto parcial,
objeto da pulsão, mascarando-o.

A isso Lacan se contrapõe afirmando que

**o objeto só pode ser concebido pela sua inscrição no
circuito pulsional que envolve o Outro**

instância essencialmente distinta do outro amoroso.

Para os Kleinianos, o eu deve ser substituído por
um objeto de amor da realidade – deixar
de amar a si para amar o Outro.

Na estrutura, diz Freud,

a partir do narcisismo, o eu é o objeto de amor do sujeito.

Lacan acrescenta que

**o eu especular só é o objeto de amor do sujeito na medida
em que é assim reconhecido pelo Outro.**

1. Lacan, o ato e a inibição intelectual

A partir do estágio do espelho,

na relação que o Outro estabelece com o sujeito
institui dois objetos

a

e

a'

objeto amado
do desejo (moi)
Eu

objeto pulsional
do gozo (je)
Sujeito

1. Lacan, o ato e a inibição intelectual

A

relação entre o sujeito e o Outro é

ordenada pelos objetos a e a', implicados em um circuito em que

***a matriz do objeto da pulsão é o objeto metonímico [do desejo]
... e o objeto do desejo é o objeto do desejo do Outro.***²

Dessa forma,

a dupla de objetos, de amor e de pulsão, dá lugar a uma outra
articulação entre os quatro objetos freudianos:

“objeto perdido”, objeto do amor, objeto do desejo, e objeto da pulsão – em uma série homogênia.³

2. Op. cit. p. 140.

3. Idem, p. 140-141.

1. Lacan, o ato e a inibição intelectual

Esses quatro objetos se referem à castração e à sua incapacidade de supri-la.

Lacan reúne esses objetos e os concebe, como

objeto a, que substituiria a noção de $-\phi$, inclusive como objeto causa.

Para dar conta da aceção desse conceito, objeto a, abrem-se muitas proposições tais como:

“objeto causa do desejo”, “condensador de gozo”, “ou objeto inacessível que permite o gozo”, “parte libidinal” e “objeto sem idéia”.⁴

Marcadamente,

é como causa de desejo que o objeto mantém a relação entre o sujeito e o Outro.

4. Ibidem, p.141.

1. Lacan, o ato e a inibição intelectual

A entrada do *infans* no simbólico é promovida pelo Outro,

Inicialmente encarnado pela mãe, ao satisfazer suas primeiras necessidades, por elas traduzidas a partir de um movimento qualquer da criança.

Ao responder ao grito da criança, a mãe se coloca como semelhante - outro minúsculo

ambas, mãe e criança estão submetidas à falta.

Ao elevar o grito da criança à categoria de linguagem a mãe se instala como Outro simbólico.

Na medida em que interpreta e responde ao grito

instala um S_2 (sig^{te} do saber), e institui um S_1 (sig^{te} da falta do outro).

Inserindo assim o *infans* no universo da linguagem,

Do discurso materno, o sujeito obtém – os significantes do seu desejo,
que é, em essência, o desejo do Outro.

Daí, a demanda do sujeito irá passar sempre pelo desejo do Outro.

1. Lacan, o ato e a inibição intelectual

Isso explica a radical

impossibilidade de se satisfazer o desejo,

pois,

o que lhe deu origem foi algo da ordem do desejo do Outro

e não uma primeira experiência de satisfação que fez surgir o desejo, quer dizer:

não existe, o objeto do desejo

uma falta é instalada em um lugar que nenhum objeto é capaz de cobri-la.

então,

A demanda apresenta duas vertentes:

uma acessa o objeto e outra acessa o significante do Outro,

condição para o desejo do sujeito, que não se exerce fora da demanda.

1. Lacan, o ato e a inibição intelectual

É a **linguagem** que introduz, então, a castração, fazendo da **criança um ser desejante**.

Como o desejo é o desejo do Outro, o falo (-φ) - objeto de desejo da mãe, inscreve a falta inaugural que permitirá a ligação entre desejo e falta.

A criança não deve ser o objeto absoluto do desejo materno, a mãe deve, necessariamente, desejar os outros objetos.

1. Lacan, o ato e a inibição intelectual

Pela Metáfora Paterna, a criança sai da posição de falo imaginário da mãe - ϕ ,

pela interdição do gozo que efetiva a castração simbólica.

A mudança de falo imaginário para o simbólico se dá pelo processo de

substituição do significante do desejo da mãe por um significante paterno, que faz do falo a encarnação da lei do desejo.⁵

$$\frac{\text{NP}}{\text{DM}} \cdot \frac{\text{DM}}{\text{Significação}} \rightarrow \frac{\text{NP(A)}}{\Phi}$$

O que tem o falo agora é o pai, e pode dá-lo à mãe.



Ao voltar seu desejo para o pai,

a mãe o situa como mediador, terceiro na relação mãe-filho, liberando a criança do lugar de objeto do desejo materno.

1. Lacan, o ato e a inibição intelectual

**A descoberta do pai como detentor do falo
e a castração materna levam à criança,**

perturbada frente ao real da falta de pênis na mãe,

a tomar uma posição sobre a sexualidade.

A fase edípica é marcada pelo desejo de saber.

A criança quer saber qual é o papel do pai no nascimento dos bebês,

fazendo suas teorias e investigando sobre a sua origem.

1. Lacan, o ato e a inibição intelectual

Essa curiosidade dá origem ao desejo de saber.

É a partir da curiosidade sobre a sexualidade,
conforme Lacan, que se interpõe a

*função do desejo, cuja causa
para animar essa função,
deve estar livre de bloqueios*

***se a causa do desejo estiver bloqueada,
isso produzirá [...] efeitos sintomáticos no sujeito,
dentre os quais
a própria inibição intelectual*** [grifo nosso].⁶

1. Lacan, o ato e a inibição intelectual

A exclusão do sujeito na prova experimental piagetiana

De acordo com algumas considerações de Lacan no Seminário X, Angústia,

**a função de causa do desejo está implicada em um real de movimento ou ação,
qualquer que seja ela,
voltada sempre ao reencontro com o objeto primordial, “objeto perdido”.**

Sob esse prisma, a inibição se contrapõe à função que impele à ação. Contudo,

a inibição responde ao “desejo de reter” o ato em busca do objeto alucinatório.

Por outro lado,

impele a ação do sujeito para a busca de satisfação nos objetos da realidade.



Tais objetos representam para o sujeito **possibilidades de recobrir a falta,**

empreendimento fadado ao fracasso, pois o objeto perdido e os objetos da realidade não pertencem à mesma ordem, isso quer dizer que o sujeito ficará sempre a desejar.

A lógica da ação se traduz pela sua oposição ao desejo, pela inibição do desejo para que o sujeito possa lançar mão dos objetos da realidade. Entretanto, não existe para o sujeito, objeto puro – nem do desejo, nem da realidade – ambos se apresentam comprometidos em alguma medida com o Outro, quer seja pelo investimento libidinal, quer seja pela sua referência ao desejo.

2. Lacan e a debilidade mental

2. Lacan e a debilidade mental

Mannoni foi a primeira a tomar a debilidade não como déficit

Afasta-se do tema 'cognição' para dar lugar ao



Sujeito

**Interrogando-o sobre a sua relação com o Outro,
suas respostas às demandas do Outro.**

**Insero o sujeito “deficiente” em um outro discurso,
para responder de um outro lugar.**

O interesse de Mannoni é verificar a hipótese de que

**a causa central que leva à debilidade está
no discurso familiar que envolve a criança em
um tipo de relação fantasmática com a mãe.⁷**

2. Lacan e a debilidade mental

Mannoni e a fusão de corpos

A experiência de Mannoni com crianças, tidas como débeis, começou na década de 1950.

No início do seu trabalho, ela separava essas crianças, conforme os resultados em testes psic, em dois grupos:

- a) aqueles com resultados homogêneos, cuja debilidade era considerada como déficit orgânico;
- b) aqueles com resultados heterogêneos, interpretados como uma pseudodebilidade, devida a conflitos familiares.

Nesse momento, tomava apenas as crianças do grupo 'b', os **falsos débeis**.

2. Lacan e a debilidade mental

Françoise Dolto,

**a partir dos desenvolvimentos de Lacan sobre o sujeito,
passa a investigar a debilidade por essa concepção e,
desconsiderando a contra indicação do tratamento
para os casos de debilidade verdadeira,
questionando inclusive esse 'déficit',
estende a investigação para a relação mãe-filho.**

**Já no início da análise dessas crianças,
uma súbita melhora geral da criança a coloca em
posição contrária à idéia de déficit intelectual.**

2. Lacan e a debilidade mental

Paralelamente a essa melhora, a mãe passa a adoecer, o que leva Dolto a formular hipótese de que

a doença da criança servia para tamponar os sintomas da mãe, e que isso revelaria uma possível *fusão de corpos entre mãe e criança: mãe e filho unidos a um só corpo.*

A partir da hipótese “fusão de corpos” de Dolto, Mannoni passa a trabalhar com os débeis ignorando o diagnóstico ‘falso’ ou ‘verdadeiro’, ampliando a sua pesquisa para a fala da família sobre questões relativas à debilidade.

2. Lacan e a debilidade mental

Sai de cena o significante 'debilidade',

para dar lugar ao discurso do sujeito e dos seus pais buscando, na história de cada um, o sentido que é dado à debilidade, posto que

a experiência mostra a debilidade “como consequência do dizer parental”.⁸

Mannoni conclui que a debilidade é fruto da *fusão de corpos*. A criança fica presa ao fantasma materno, em uma relação dual. Recorrendo a Lacan, ela afirma que

....na relação dual a criança fica exposta a um tal suborno da fantasia inconsciente da mãe que não lhe resta outra saída, senão a de alienar-se a si mesma, sob a forma do déficit.⁸

2. Lacan e a debilidade mental

Nessa relação:

- a criança não adquire uma imagem do corpo próprio,
- não simboliza nada para a mãe, é como o seu duplo,
- é um pedaço de carne formando um só corpo com o dela.

Uma relação que não permite a entrada do pai.

A castração da mãe não se opera, e a falta de objeto materno é preenchida pelo filho, que permanece envolto, inconscientemente, pela debilidade.

2. Lacan e a debilidade mental

Mannoni fala desse processo dual entre mãe e filho⁹, que Ana Lydia Santiago¹⁰ organiza em quatro etapas:

- 1ª: *“Para a mãe, real ou adotiva, existe um primeiro estado, semelhante ao sonho, em que ela deseja ‘um filho’; esse filho é, a princípio, uma espécie de evocação alucinatória de alguma coisa de sua própria infância que foi perdida;*
- 2ª: *Esse filho tão ardentemente desejado, quando nasce, isto é, quando a demanda se realiza, cria para a mãe sua primeira decepção: ei-lo então, esse ser de carne – mas separado dela: ora a um nível inconsciente, era uma espécie de fusão que a mãe sonhava;*
- 3ª: *E é a partir desse momento, com o filho separado dela, que a mãe vai tentar reconstruir o seu sonho. A esse filho de carne, vai-se sobrepor uma imagem fantasmática que terá por papel reduzir a decepção fundamental da mãe (decepção que tem sua história na infância dela);*
- 4ª: *Desde então, é uma relação enganadora que se vai instituir entre mãe e filho – este último, na sua materialidade, sendo sempre para a mãe e significação de outra coisa.... muito será solicitado à criança. Mas, à medida que ela responde à demanda materna, eis que o desejo se esvai.... O filho tornar-se-á, à sua revelia, o suporte de alguma coisa essencial nela, donde um mal-entendido fundamental entre mãe e filho.”*

9. MANNONI, Maud. *A criança retardada e a mãe*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 2.

10. SANTIAGO, Ana Lydia. pp. 158-159 (2005).

2. Lacan e a debilidade mental

Santiago assemelha essas etapas às elaborações de Lacan sobre a constituição do sujeito na debilidade, e a participação do desejo materno interpondo barreiras que impedem o acesso à castração.

Na debilidade, o pai

- como agente da castração -

não consegue interditar o desejo da mãe, que,

ao gerar a criança,

permanece petrificada no papel de mãe, impedindo que se opere nela a divisão mãe/mulher,

operação necessária para dar lugar ao desejo, da criança e da mulher.

A criança,

não se inserindo no universo simbólico, não busca novos objetos e significações.

permanece como objeto-sutura-da-castração-materna.

2. Lacan e a debilidade mental

Tendo assim a sua falta suprida,
a mãe do débil
na relação dual,
é uma mãe não desejanter enquanto mulher.
Na medida em que ela não deseja, ela se angustia,

citando Ana Lydia:

quanto mais a criança preenche a mãe, mais ela a angustia, de acordo com a fórmula, segundo a qual, a angústia decorre da ausência da falta.¹¹

Alheia ao desejo,

O sujeito débil identifica-se à imagem construída pelo discurso do Outro,

e, permanecendo esse “tudo” para o Outro,

confunde-se ao objeto fetiche destinado a negar a castração materna.

2. Lacan e a debilidade mental

Ana Lydia considera esta condição do débil,



enquanto objeto obturador da falta de mãe,



como “ponto chave” para se entender a debilidade.

Afastando o privilégio dado à exclusão do Nome do Pai,

que poderia confundir a debilidade à psicose,
esclarece, contudo, que as

as suas investigações indicam

pontos comuns, entre a criança débil e a psicótica:

1. Situação dual com a mãe;

2. Recusa da castração simbólica;

3. Dificuldade de alcançar os símbolos em decorrência da carência da metáfora paterna.¹²

2. Lacan e a debilidade mental

Holófrase → retificação da fusão de corpos

O trabalho de Mannoni,

como observa Ana Lydia

despertou o interesse de Lacan sobre o tema da debilidade.

Fazendo referência a ele, no Seminário XI (1964),

Lacan fala sobre o fato de a mãe transformar a criança em um mero suporte do seu desejo, vendo seu filho como um objeto que cobre, imaginariamente, a sua falta.

Inserir ainda, **a noção da holófrase** do primeiro par de significantes, (S1 – S2)

↓ como uma hipótese sobre a estrutura do sujeito débil.

uma perturbação na incidência simbólica da linguagem para o ser que deve constituir-se como sujeito inconsciente.¹³

Na holófrase o sujeito se confunde com a sua mensagem, que se apresenta demasiadamente pobre na fala do sujeito.

2. Lacan e a debilidade mental

Posto que o discurso é o discurso do Outro, é no campo do Outro que o sujeito vai buscar a significação da divisão, quando de sua inserção na ordem simbólica, operada pela função do Nome-do-Pai, impondo o intervalo necessário para a articulação da cadeia significante.

O que ocorre no caso da debilidade?

O primeiro par de significantes se solidifica, impede o intervalo entre S_1 e S_2 , e o sujeito fica então elidido.

A binariedade

(que garantiria a divisão do sujeito, instituindo o vazio de significação que o levaria a buscá-la na articulação significante)

não se apresenta no sujeito débil,

então, ele não pode representar sua demanda com um único significante, um S_1 que lhe seja, absolutamente, próprio ou inerente, e, ao buscar no Outro, no código da língua, um significante S_2 para inscrever seu S_1 , uma parte de si mesmo, por esse movimento, permanece alienada.¹⁴

2. Lacan e a debilidade mental

A holófrase dos significantes primordiais suspende os efeitos de cada um no surgimento do sujeito.

Distinguindo-se da concepção de Mannoni sobre a fusão de corpos,

Lacan considera que a fusão de que se trata, não é de dois corpos fundidos em um, mas de *dois significantes* solidificados, como se fossem um, $S_1 S_2$, fundidos como um, e.

O sujeito existe, constituído pelo significante.

A diferença está na opacidade do S_2 que o Outro lhe concede, impossibilitando o sujeito de alcançar um sentido ou uma significação sobre o que ele é para o Outro.

2. Lacan e a debilidade mental

Na debilidade, o sujeito surge como efeito da coalescência de dois significantes funcionando como se fossem um.

Uma questão aqui se impõe:

Como trabalhar com esses sujeitos?

O primeiro passo é **investigar a posição do sujeito débil**, cujo discurso expressa a sua submissão ao desejo materno, só conseguindo falar de si por meio da repetição do que é dito pelos outros, ou seja, à moda de um ventríloquo.

Uma outra questão:

Se o não há demanda ao S_2 , como pensar a transferência?

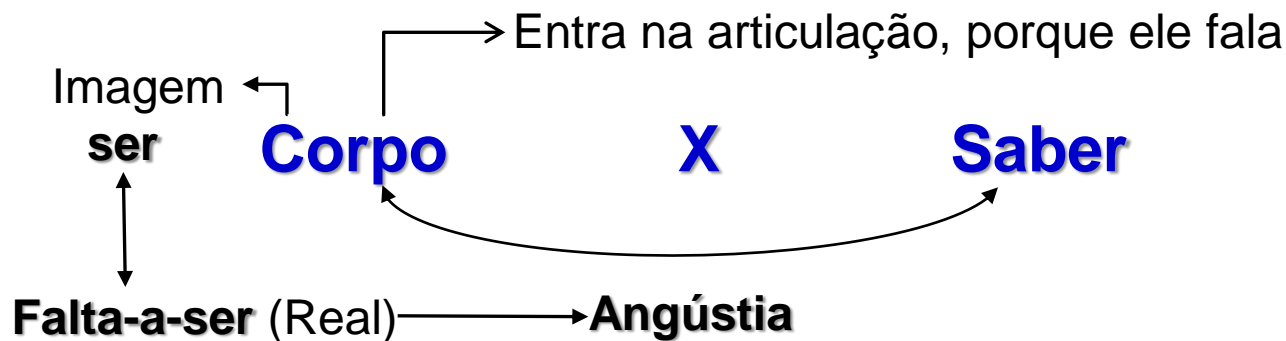
2. Lacan e a debilidade mental

Reflexões

É pela linguagem que o humano se constitui.

A partir da articulação significante o sujeito se desloca do seu corpo para a dimensão simbólica, dada pela significação fálica, o mudo dos sentidos, o mundo do saber.

Então, instalam-se, no humano, dois pólos que estarão em permanente tensão: corpo x saber.



2. Lacan e a debilidade mental

Em que a debilidade se diferencia da psicose?

Mannoni fala de várias semelhanças teórico-clínicas que aproximam a debilidade da psicose.

Lacan se vale da holófrase, para esclarecer os mecanismos que determinam as distinções subjetivas que afastam a debilidade da psicose.

Holófrase é um termo da lingüística. Refere-se a uma palavra que expressa, que condensa, uma frase inteira – uma palavra-frase.

A experiência de Pavlov (Sem. XI – aula de 10/06/1964), ilustra a função significativa da campainha em cujo som (S_1) se aglutina toda a experiência de alimentação (S_2).

Na debilidade o S_1 (significante do corpo da mãe) e o S_2 (significante do corpo do filho) se aglutinam.

2. Lacan e a debilidade mental

Na psicose, o S₂ é foracluído

Há uma primeira simbolização que aliena o sujeito ao S₁ – significante mestre do Outro materno.

O sujeito psicótico não se dirige ao S₂ na busca de sentido, mantém-se aprisionado ao S₁ (ao real).

Diferentemente do que ocorre na neurose, onde o sujeito fica dividido entre dois significantes, na psicose o sujeito não se divide, não tem dúvida – tem a certeza da letra, da palavra, porque, para ele,

as palavras são exatamente iguais às coisas.

2. Lacan e a debilidade mental

A posição do débil na estrutura

Ana Lydia recorre ao caso AM, atendido em instituição por Pierre Bruno durante dez anos – dos sete aos dezessete anos.

O tratamento é marcado por dois momentos significativos, que revelam a “possibilidade de suspensão do ‘efeito de holófrase’”: um relativo à transferência e outro à mudança subjetiva quando o sujeito consegue se afastar do significante do Outro.

O importante, nesse caso, é que esses dois momentos não são regidos pela interpretação analítica mas por dois *actings out*. Isso se explica pela dificuldade de acesso à via metafórica que o débil apresenta para enfrentar a questão da castração materna.

Diante dessa dificuldade, originada pela inibição da função da causa do desejo, resta ao sujeito débil a via do ato como alternativa para a necessária separação.

2. Lacan e a debilidade mental

Momentos do Caso

- 1. Início do tratamento:** pouca fala, palavras deformadas, discurso incompreensível. Dificuldade de locomoção, por rigidez de uma das pernas. Para os técnicos da instituição, a hipótese diagnóstica era de psicose.
- 2. Dados familiares:** quando bebê, o pai de AM morre afogado em um acidente de barco. Seu avô paterno propõe adotá-lo como filho, ao que mãe se recusa dizendo que isso o deixaria sem o seu próprio pai.
- 3. 1º *acting out* e instalação da transferência:** após um período monótono, com desenhos disformes, alheamento às intervenções do analista, AM entra na sala, morde a mão do analista e sai correndo. Um ato do sujeito que toma uma posição colocando o analista no lugar do Outro.
- 4. 2º *acting out* – uma intervenção, a separação:** Um dia o analista solicita à mãe para que deixasse o menino na entrada do prédio, não o acompanhando mais até o consultório. Na próxima sessão, o paciente veio, fez uns dois desenhos e se foi. Mais tarde a mãe, figura sempre impassível, chega ao consultório gritando descontroladamente, à procura do filho. Em razão do trânsito, ela o havia deixado um km distante para ele vir a pé, não o encontrando na saída. AM tinha vindo à sessão sem qualquer problema e, ao sair, refugiou-se tranquilamente em um posto policial para aguardar a mãe e o analista.

2. Lacan e a debilidade mental

Na sessão seguinte, o

efeito desse duplo acting out,

(da mãe ao deixar o garoto na rua,
e do sujeito ao “fugir” da mãe):

AM fez um desenho que sugeria ser um barco.

O analista intervém perguntando se

esse barco poderia ser aquele em que seu pai foi pescar, e se afogou.

O sujeito diz que sim evocando, pela primeira vez, o pai morto.



Essa evocação opera a

separação do significante débil e a abertura para outras significações,

em consequência da



quebra da identificação ao significante do Outro.

2. Lacan e a debilidade mental

Progressos do tratamento

AM já apresentava melhoras no desempenho escolar, mas, após a sua inserção no discurso (especialmente pós-*actings*), as melhoras se acentuaram: fala, comportamento, relação com a mãe.

Em conclusão, o caso mostra que, se, por um lado, o *acting* se coloca como um obstáculo ao trabalho analítico, por outro, é a via possível para quebrar o efeito de holófrase que imobiliza o sujeito.

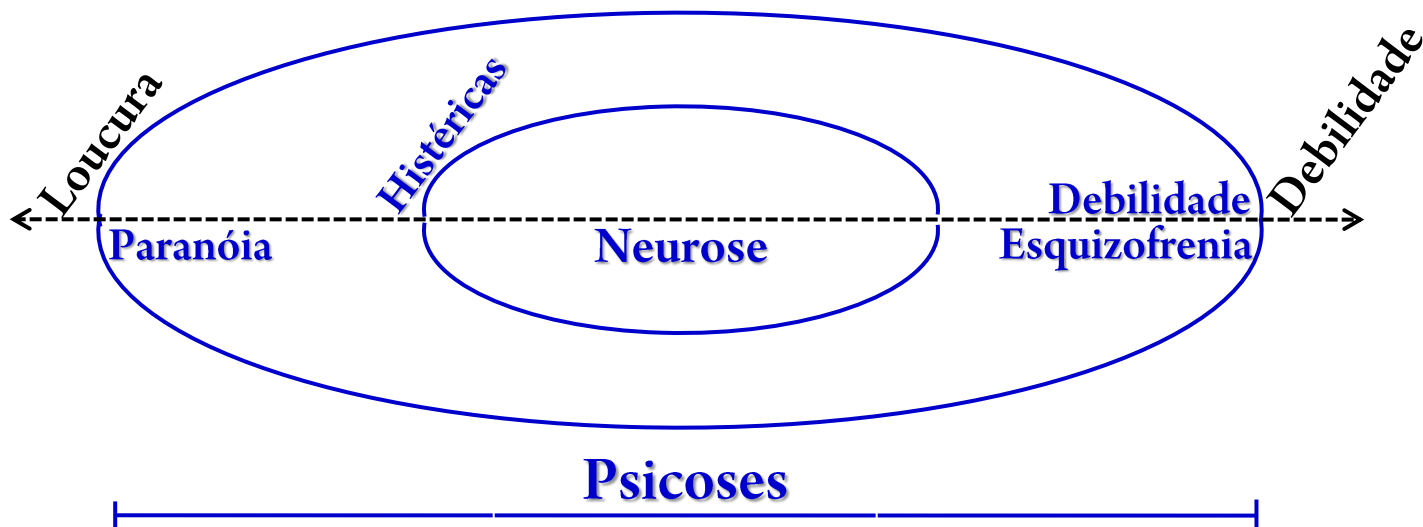
Diferentemente do que ocorre na psicose, o caso indica que, na debilidade, é bem possível obter-se o efeito de separação pela enunciação.

2. Lacan e a debilidade mental

O sujeito que flutua entre dois discursos

Debilidade não é estrutura. Pode apresentar-se tanto na neurose, como na psicose, ou na perversão.

Rômulo Ferreira da Silva propõe o seguinte esquema para situar a debilidade em relação às estruturas clínicas:



2. Lacan e a debilidade mental

Os efeitos da holófrase

Na debilidade

Há o par S_1 - S_2

Os efeitos reportam-se à dificuldade que o sujeito encontra para assumir uma posição – está sempre perdido entre os discursos. Embora o S_2 esteja presente, o S_1 assume a soberania condicionando o sujeito à identificação imaginária conforme ao desejo materno, interditando o Outro do saber – o S_2 .

Na psicose

Só há S_1

Os efeitos são muito mais devastadores: o sujeito está sempre perturbado e desorganizado, produzindo alucinações e delírios, por não dispor do significante paterno – não simbolizado em razão da forclusão do NP. Consequentemente, o Outro simbólico não se constitui – não se institui o S_2 – ele só dispõe do S_1 .

Em relação ao saber:

O neurótico **interroga** - O Psicótico **tem a posse** - O débil **ignora**

2. Lacan e a debilidade mental

O sujeito que flutua entre dois discursos

*Llamo debilidad mental, al hecho de que un ser, un ser parlante, no esté sólidamente instalado en un discurso (...). No hay ninguna otra definición que se le puede dar, sino de ser lo que se llama un poco descarriado [desviado, apartado, perdido, por fora]. Es decir que entre dos discursos, él flota. Para estar sólidamente instalado como sujeto, es necesario atenerse a uno o bien saber lo que se hace. Pero no es por que se está al margen que se sabe lo que se dice.*¹⁵

2. Lacan e a debilidade mental

Um mal-estar do sujeito

Para furtar-se de se haver com o saber (sobre a castração) o sujeito débil refugia-se no mundo imaginário,

fato que faz Ana Lydia lembrar a concepção lacaniana sobre a debilidade, tida como

um mal-estar fundamental do sujeito, em relação ao saber, que nenhum ser falante poderia se dispensar.¹⁶

Concluindo, cita Lacan:

O homem não saber se virar com o saber. Isso é a sua debilidade mental, da qual não me isento – pois tenho que me haver com o mesmo material que todo mundo, o material que nos habita.¹⁷

16. SANTIAGO, Ana Lydia. p. 178 (2005).

17. LACAN, Jacques. “L’insu que sait de l’une-bévue s’aile à mourre”, Ornicar? 14. p. 7.

Instituto Trianon de Psicologia

CLaP – Centro Lacaniano de Pesquisa em Psicanálise

Seminário de Pesquisa

Aula de 24.05.2011

Lacan: *da inibição à debilidade intelectual*¹

A. Claudete A. L. Prado

1. SANTIAGO, A. L. Lacan: *da inibição à debilidade intelectual*. In: *Inibição intelectual na Psicanálise*, Cap. V. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.